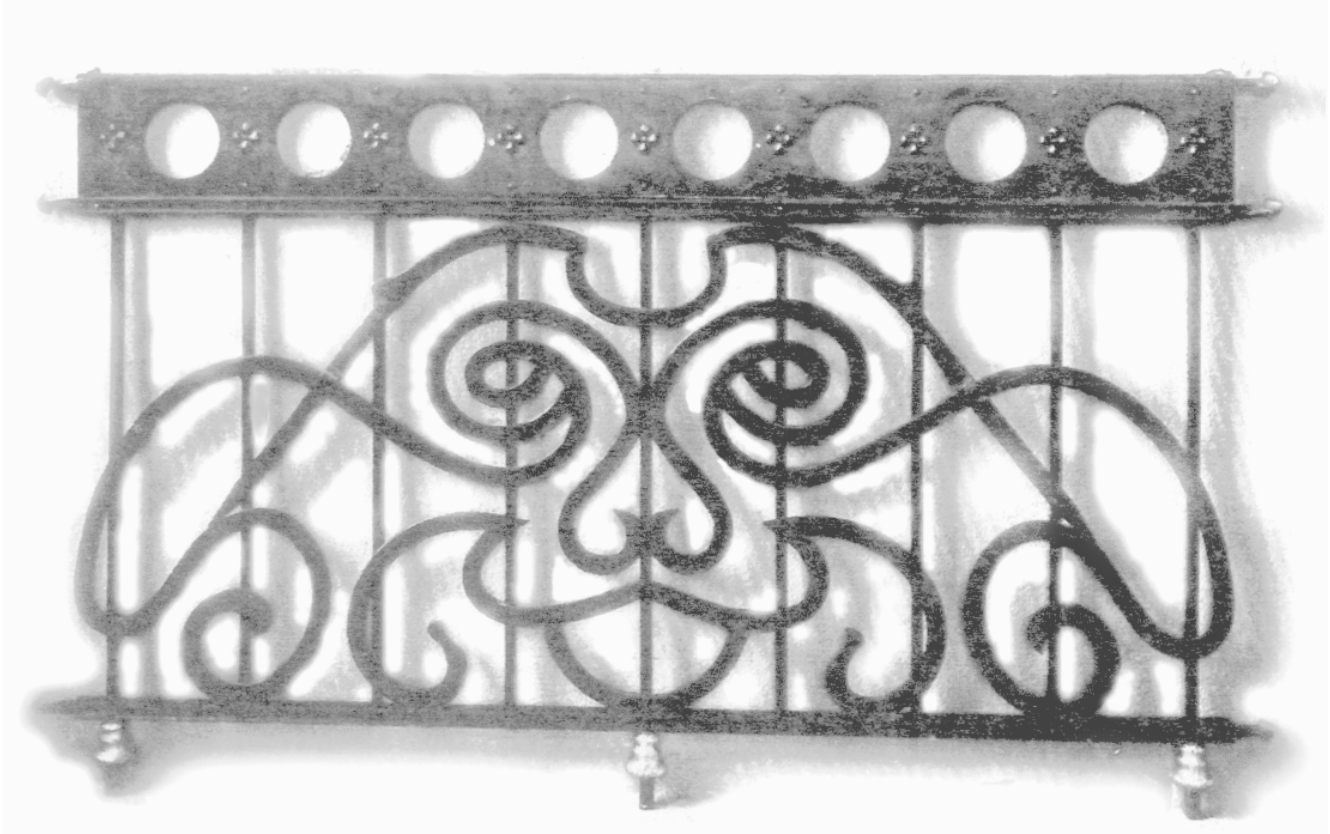


# LICEU PAROBÉ: um instituto das artes e ofícios

Raquel Rodrigues Lima



*A Proclamação da República, a abolição da escravatura e a industrialização do Rio Grande do Sul foram fatores que provocaram transformações tanto na produção artesanal como na arquitetura do Estado. A República instituiu a política do castilhismo, originária das idéias do positivismo de Augusto Comte, essencial para a valorização da mão-de-obra recém libertada. Assim, os líderes do Estado empenharam-se em promover o operariado através do ensino técnico. Isto ocorreu através de uma forte rede de ensino, que divulgou as idéias políticas vigentes e preparou os recursos humanos necessários para o processo industrial. Na busca do conhecimento deste ensino encontraram-se importantes Liceus de Artes e Ofícios, como o Instituto Parobé e a Gewerbeschule (Escola de Ofícios), em Porto Alegre, e as Escolas Industriais de Caxias, Rio Grande e Santa Maria, no interior do Estado. O presente artigo foi redigido a partir da dissertação de mestrado intitulada "Os Liceus de Artes e Ofícios do Rio Grande do Sul (1900-1930)" e trata de um desses liceus, o Instituto Parobé.*

Inspiradas nos movimentos operários europeus, as idéias socialistas e anarquistas começaram a ser divulgadas no Estado. Em parte, isto foi devido a operários visados na Europa<sup>1</sup> que passaram a assumir posições de liderança dentro dos sindicatos locais. Em virtude de acontecimentos como a greve dos 21 dias e os vários movimentos operários da época, o governo do estado do Rio Grande do Sul resolveu tomar algumas atitudes a fim de manter em suas mãos o controle do desenvolvimento econômico. Uma destas atitudes foi a promoção, de forma protetora, do operariado sul-riograndense através da elite governamental. A fim de beneficiá-lo, foi oferecida a educação a seus filhos e aos próprios proletários. Não se pode esquecer que a escola era, também, um instrumento de manipulação de idéias políticas e foi exatamente o que ocorreu com as instituições criadas pelo governo.

Devido à prioridade reservada ao ensino superior, a verba destinada ao Liceu Parobé havia sido transferida para a construção do prédio da Escola de Engenharia. Nos relatórios da Escola de Engenharia mostra-se presente uma contradição no que diz respeito a data de fundação do Instituto Parobé<sup>2</sup>. Conforme a primeira referência, a de 1906, a Escola de Engenharia teria esboçado o programa do Instituto Parobé e inaugurado, sob a assistência de Borges de Medeiros e José Montauray, um curso profissional para 15 meninos pobres e filhos de operários.

No relatório de 1913, existe outra informação muito interessante: trata-se do fato do Instituto Parobé ter nascido da chamada Escola Benjamin Constant. Esta havia sido fundada pela municipalidade no final do século XIX, e estava destinada à educação elementar gratuita. Possuía, porém, implícita a idéia de ampliação, configurando, assim, o Liceu de Artes e Ofícios do Rio Grande do Sul. Devido a fatos ocorridos na época, como o desgaste das idéias positivistas em nível político nacional, a reforma de ensino Benjamin Constant, que não havia adquirido força suficiente para ser implantada, e a conseqüente falta de respaldo político das pessoas envolvidas, levaram o governo local a tomar algumas medidas. Além disto, havia rivalidade entre os positivistas gaúchos e os cariocas. Isto fez com que o nome da Escola Benjamin Constant fosse substituído por Instituto Técnico Profissional. Mais como uma manobra política do que uma mudança nas características básicas da instituição, a troca do nome da escola serviria como promoção da mesma, pois não estaria mais ligada ao nome de uma reforma de ensino fracassada, e sim à Escola de Engenharia, de nível superior e em franca ascensão.

As primeiras instalações do Instituto Parobé, em 1907, estiveram localizadas nos porões do prédio da Escola de Engenharia, com acanhadas e pequenas oficinas. Mas, em 1906 foi iniciada a construção do instituto e suas dependências<sup>3</sup>. No prédio havia sido reservado espaço para as seções de marcenaria, carpintaria e serralheria, para o almoxarifado e um consultório de assistência médica<sup>4</sup>; próximo a este havia outra construção, contendo o gabinete do diretor técnico, a usina elétrica (de força e luz), e a seção de mecânica e ajustadores. A

inauguração aconteceu em janeiro de 1908, juntamente com a do Instituto Astronômico e Meteorológico. Já em 1909, houve a necessidade de expansão, tendo sido construídos novos pavilhões para o funcionamento das seções de marcenaria e carpintaria, metais, escultura e modelagem<sup>5</sup>. Nestas primeiras instalações já estava prevista uma sala onde aconteceriam as exposições de fim de ano.

O Instituto Técnico Profissional passou a chamar-se Instituto Parobé logo após o falecimento do seu primeiro diretor, João José Pereira Parobé, ocorrido em 1915. Este Instituto possuiu quatro divisões básicas. A primeira e mais importante pelo seu desenvolvimento foi o curso masculino, que será analisado a seguir com detalhe. A segunda divisão foi o curso noturno, desenvolvido nos mesmos moldes do anterior, possibilitando a especialização de operários que trabalhavam durante o dia. O curso feminino consistiu na terceira divisão e também foi um curso técnico, porém, com enfoque completamente diferente dos demais. O objetivo era atender seu público, seguindo padrões da época. E, por fim, a quarta divisão foi delimitada pelos institutos industriais do interior do estado, que possuíram a mesma estruturação do curso técnico masculino. A seguir serão descritos e analisados os principais dados do curso masculino do Instituto Parobé.

### Os ESTATUTOS

Os primeiros estatutos encontrados foram os da Escola Benjamin Constant e datam de 1907. Apresentavam o título de "Instruções Provisórias"; os estatutos referentes ao Instituto Parobé, são de 1909 e foram reformulados em 1913, com o título "Regulamento do Instituto Técnico-Profissional".

O objetivo da criação da Escola Benjamin Constant era muito claro: visava proporcionar aos filhos de operários e meninos pobres uma educação profissional, capaz de habilitá-los a tornarem-se chefes de oficinas (Instruções Provisórias, 1907, p. 1). O ensino, dividido em curso elementar e profissional, foi desenvolvido na forma teórica e prática. O curso elementar possuía a duração de dois anos e constavam no seu currículo as seguintes disciplinas: escrita cursiva ordinária, leitura corrente e cálculo numérico (Instruções Provisórias, 1907, p. 1). Durante os três anos do curso profissional o ensino havia sido dividido em teórico e prático, conforme a concepção de Comte. Em oficinas especiais, o ensino prático tinha a intenção de realizar trabalhos na carpintaria, marcenaria, modelagem, fundição, caldeiraria e ferraria, ajustadores, eletricidade e galvanoplastia. Outras disciplinas, como música<sup>6</sup> e ginástica<sup>7</sup>, foram também muito solicitadas pelos alunos (Instruções Provisórias, 1907,p.2).

O acesso ao curso elementar ocorria através da matrícula e de uma licença do Diretor da Escola de Engenharia<sup>8</sup>. A matrícula para o curso técnico profissional, além dos itens anteriores, necessitaria da aprovação do exame que consta das matérias do curso elementar. Pode-se notar que, desde as primeiras instruções, estava presente o controle por parte do diretor e, indiretamente, do aparelho estatal na seleção dos candidatos a ingressarem na escola. Muito provavelmente esta licença



FIG. 1 Instituto Technico Profissional. Sala do mestre da seção de modelagem e escultura (1909).  
*Relatório da Escola de Engenharia.*



estava ligada a interesses políticos visando impedir o acesso ao curso de pessoas ligadas à oposição. Havia também a necessidade da prova de pobreza, que deveria ser fornecida pela autoridade municipal, e a prova de que trabalhava como operário deveria ser passada pelo chefe da fábrica, oficina ou estabelecimento em que trabalhasse o requerente (Instruções Provisórias, 1907, p. 3). Noutros termos, isso significava que o candidato deveria ter conhecimento prévio do ofício ao qual se dedicaria, como rezavam os postulados da tradição das Escolas de Artes e Ofícios europeias.

Os estatutos estabeleciam, com rigidez, o rendimento que o aluno deveria apresentar no processo de aprendizagem. A frequência era obrigatória tanto nas aulas teóricas como nas oficinas. Também não era permitido ao aluno repetir mais de uma vez o ano que cursasse (Instruções Provisórias, 1907, p. 3). Em outras palavras, o ensino aos meninos pobres e filhos de operários era concedido pelo governo, mas também seria cobrado com rigor.

O investimento nos alunos tinha a intenção de ser eficiente, para que o retorno fosse imediato, principalmente na formação da mão-de-obra necessária no momento. Além do ensino completamente gratuito, aos alunos seriam fornecidos os livros e instrumentos para o estudo e trabalhos práticos. Ao final de cada ano, os três melhores alunos do curso profissional seriam presenteados com cargos remunerados na oficina da própria escola ou nas oficinas da Intendência Municipal (Instruções Provisórias, 1907, p. 4).

O regulamento de 1909 do Instituto Técnico Profissional foi basicamente uma repetição das Instruções Provisórias da Escola Benjamin Constant. Foram acrescentadas algumas disciplinas teóricas e práticas, nos cursos elementar e técnico. Foram feitas especificações quanto ao cargo de Engenheiro-Chefe<sup>9</sup> e as atribuições dos mestres e contra-mestres<sup>10</sup> encarregados do ensino profissional nas oficinas. Novamente notamos que a estrutura estava montada dentro de uma rígida disciplina com o completo controle das atividades pelos cargos superiores. O contra-mestre encontrava-se subordinado ao mestre, que por sua vez era dirigido pelo Engenheiro-Chefe, que deveria prestar contas ao Diretor da Escola de Engenharia, que, por sua vez, era de total confiança do grupo político em exercício na época.

Especialmente importante foi a presença, nos estatutos, da idéia de criação do Gabinete de Desenho dentro do Instituto Parobé. Tal gabinete estaria subordinado ao Engenheiro-Chefe, possuindo um profissional desenhista para a "confecção de plantas e cortes" (Regulamento do Instituto Técnico Profissional, 1909, p. 6). Não há precisão na data em que o gabinete entrou em funcionamento, sabe-se apenas que por volta de 1909 encontrava-se localizado no pavimento superior do prédio onde se situava a direção do edifício. É possível que os projetos dos diversos institutos da Escola de Engenharia tenham sido realizados neste gabinete, que certamente estaria ligado ao Escritório de Engenharia referido no capítulo três.

A inovação feita nas oficinas foi o ingresso dos aprendizes desde

o terceiro ano do curso elementar. O curso técnico foi acrescido de uma quantidade realmente grande de oficinas<sup>11</sup>. Percebe-se que o aluno percorria diversas oficinas para ter noções gerais de todas as atividades desenvolvidas na Escola. Então, quando chegasse no quarto ano técnico, estava amadurecido o suficiente para escolher a sua profissão e especializar-se.

O Regulamento do Instituto Técnico Profissional de 1913, foi bem mais detalhado. Foram acrescentadas ao estatuto as funções do Engenheiro-Ajudante<sup>12</sup>, assim como da sub-secretaria, da biblioteca, gabinetes, laboratórios e museus<sup>13</sup>, a inspeção de serviços e estudos, arrecadação, garagem, almoxarifado, assistência médica, banda de música, exames de final de ano e título de conclusão de estudos. O Instituto havia sido implementado de novas seções que realmente necessitavam de uma linha mestra.

Até este momento, as instruções provisórias e o regulamento anterior haviam sido elaborados pelo Diretor da Escola de Engenharia e continham a sua assinatura: João José Pereira Parobé. A partir de 1913, os estatutos foram assinados pelo próprio Engenheiro-Chefe do Instituto Parobé, João Lüderitz. Encontrava-se nestes estatutos de 1913, uma firme regulamentação, munida de objetivos precisos e com uma meta a ser alcançada. O desenvolvimento atingido nos anos seguintes chegou a um nível significativo. Isto demonstra que as novas idéias trazidas das viagens do exterior pelo Engenheiro Lüderitz haviam sido bem aceitas. Importante ressaltar que tais idéias foram adaptadas ao lugar, à época e às pessoas a quem se dirigiriam. Talvez tenha sido este um dos pontos de maior importância para alcançar o sucesso.

### ESTRUTURA DE ENSINO

A estrutura de aprendizagem do Instituto Parobé estava baseada no programa de ensino técnico-profissional. Tinha como objetivo "fazer o ensino tecnológico completo dos ofícios em nível de aprendizagem industrial em trabalhos comercialmente aproveitáveis." (Relatório da Escola de Engenharia, 1918, p.5).

A norma dos grandes mestres em ensino profissional técnico, que se resume no lema *learn-by-doing*, foi seguida quase na sua íntegra. A divisão em dois cursos, teórico e prático, visava o embasamento do aprendiz e, posteriormente, a sua especialização. Em uma primeira fase eram oferecidos aos alunos conhecimentos básicos para a sua alfabetização, iniciação em trabalhos manuais e o contato com empreendimentos comerciais através das visitas realizadas com a escola. Estas tarefas faziam parte do Curso Elementar que servia de patamar nivelador para o Curso Técnico, que compunha a segunda fase do aprendizado e ao qual foram dedicados os maiores esforços.

Grandes investimentos foram realizados para que este ensino obtivesse bons resultados. Prova disto foram as duas viagens feitas pelo Engenheiro-Chefe, João Lüderitz. Em 1909, este foi enviado à Europa e Estados Unidos com a incumbência de visitar instituições semelhantes e dar ao Instituto Parobé a organização almejada. Foram visitadas França,



FIG. 2 Instituto Técnico Profissional. Seção de madeiras - Sala das máquinas (1909).

Relatório da Escola de Engenharia.

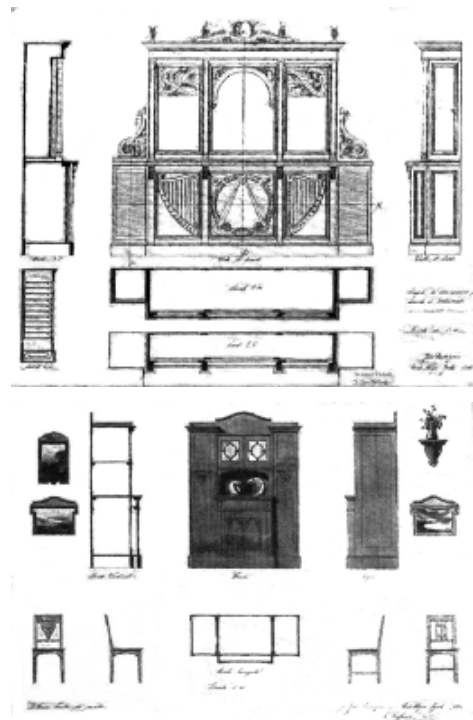


FIG. 3 Instituto Técnico Profissional. Projecto completo de trabalhos de marcenaria do alumno João Rodrigues (1912).

Relatório da Escola de Engenharia.



FIG. 4 Instituto Técnico Profissional. Oficina de escultura e modelagem (1912).  
*Relatório da Escola de Engenharia.*

Bélgica, Suíça, Itália, Alemanha e América do Norte. Além das idéias trazidas, foram feitos contratos com profissionais, sendo contratados alguns professores, mestres e contra-mestres, encomendada uma série de materiais e máquinas que fariam da escola uma das mais modernas do país. Em janeiro de 1912, o diretor Lüderitz foi novamente enviado à Europa com os mesmos objetivos da viagem anterior.

De contatos mantidos nestas viagens, resultou a iniciativa da Escola de Engenharia de enviar às escolas estrangeiras os alunos que mais se destacassem no final do curso<sup>14</sup>. Ao regressarem após seu aperfeiçoamento, normalmente ocupavam-se de cargos de contra-mestres nas oficinas do Instituto. Este fato é muito importante, pois demonstra que o Instituto Parobé foi precursor da pós-graduação até mesmo no nível médio.

Segundo o próprio engenheiro Lüderitz, "...com a instrução dos mestres estrangeiros e essa aprendizagem nos grandes centros de vida profissional e industrial, a Escola conseguirá nacionalizar, no fim de pouco tempo, o ensino Profissional" (Relatório da Escola de Engenharia, 1913, p.7).

O Curso Elementar tinha a duração de quatro anos. A cada período era aumentado o número de disciplinas<sup>15</sup>. Para compreender a profundidade deste ensino, são necessários alguns comentários das disciplinas do Curso Elementar em estudo. Por exemplo, as aulas de desenho foram ministradas desde o primeiro ano. Para iniciar o aluno na tarefa, foram trabalhados cortes de silhuetas e representação a mão livre de formas familiares; em seguida, o desenho a mão livre de vários tipos de objetos, o desenho figurativo e a utilização das cores. Já no terceiro ano eram feitos desenhos de paisagens, trabalhos construtivos de modelos ou modelos decorativos e suas aplicações. E por fim, no último ano do Curso Elementar, foram acrescentados princípios de perspectiva, desenho geométrico industrial e o estudo da pintura e outros trabalhos de arte.

Os trabalhos manuais durante o Curso Elementar foram realizados com diversos materiais, entre eles o vime, o barro, a madeira e o metal. No primeiro ano, os trabalhos em vime exercitavam o uso de

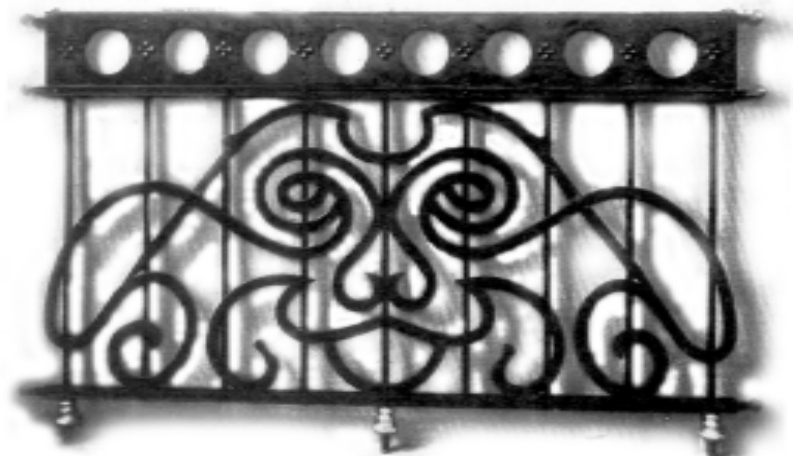


FIG. 5 Instituto Técnico Profissional. Gradil confeccionado na secção de metais (1912).  
*Relatório da Escola de Engenharia.*

ferramentas, dobrar, curvar e trançar o vime. Foram executados pequenos trabalhos como cestinhas, papeteiras, cadeirinhas, jardineiras, cama para bonecas, carrinhos, etc. Durante o segundo ano havia a continuação dos trabalhos do ano anterior, desenvolvendo a habilidade dos alunos, fazendo-os produzir mobílias, jardineiras, cestas, costureiros, cadeiras de balanço, etc. Ainda neste ano foram acrescentados os trabalhos em barro, como por exemplo vasos de miniaturas, objetos de uso e de decoração, com a finalidade de habituar o aluno a fazer o objeto tomar forma sem o uso da ferramenta. No terceiro ano cessavam os trabalhos em vime e havia uma concentração na madeira e metal, que eram trabalhados no torno. Os alunos ainda faziam recortes em madeira, como cantoneiras, prateleiras, quadros, porta-retratos, porta-relógios e outros modelos. Aqueles que freqüentavam a seção de metais, fizeram trabalhos de recalque em latão e exercícios simples com limas, punções e martelos. Na seção de tornos foram feitos macetes, batedores de bifés, piões, bilboquês, pés de mesas, cabides, etc. E, no quarto ano elementar, os trabalhos práticos ficaram livres em todas as oficinas, para que iniciasse o processo de definição de aptidões do aluno para a escolha da futura especialização no curso Profissional. O fato de terem sido dadas aulas de ginástica e higiene<sup>16</sup> desde o curso elementar demonstra a aplicação de uma das idéias positivas defendidas pela constituição em vigor: o sanitarismo. Até hoje impressiona o nível de excelência desta forma de ensino.

As demais disciplinas seguiam o programa de ensino das escolas primárias da época, cabendo ressaltar que as disciplinas de História e Geografia enfocavam os assuntos referentes ao Rio Grande do Sul.

No Curso Técnico continuavam sendo ministradas aulas teóricas, mas a ênfase era dirigida ao trabalho nas oficinas. As disciplinas nas salas de aula seguiam um esquema muito semelhante ao primeiro grau, porém com maior ênfase no trabalho prático<sup>17</sup>.

Como exemplo, nas aulas de português os exercícios de leitura, ditado e redação eram feitos utilizando documentos como cartas, pequenos relatórios, organização de orçamentos, e toda a escrituração referente às oficinas técnicas. Nas aulas de aritmética eram resolvidos problemas retirados da prática e necessários às oficinas, bem como cálculo de juros e porcentagem aplicados a orçamentos. Até mesmo no ensino da geometria e trigonometria eram utilizados problemas abundantes sobre o cálculo de volume, peso, etc. A química no segundo e no terceiro anos era desenvolvida de forma corrente. Quando o aluno chegava ao quarto ano, esta era estudada sob o ponto de vista industrial e as aulas separadas em seções:

- Seção de Metais - preparação de minérios mais empregados na indústria; noções de eletro-metalurgia.
- Seção de Artes Gráficas - reações de foto-técnica; ação dos ácidos em trabalhos de clichês.
- Seção de Artes do Edifício - o cimento, a cal, o gesso e suas características.

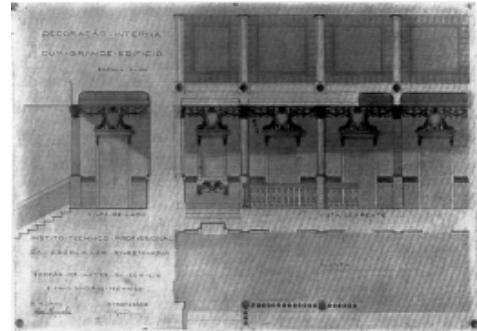
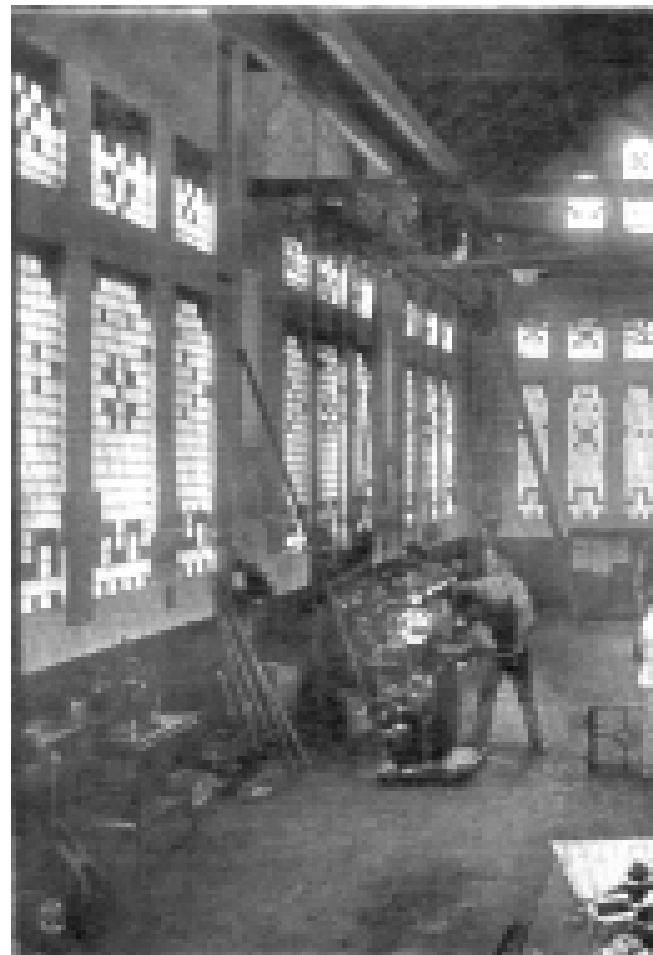


FIG. 6 Instituto Técnico Profissional. Desenho industrial de Artes do edifício (1913).

*Relatório da Escola de Engenharia.*

FIG. 7 Instituto Técnico Profissional. Oficina de mecanica (1912).

*Relatório da Escola de Engenharia.*



O Desenho Ornamental respeitava as aptidões do aluno. Eram feitos trabalhos de cópia a mão livre de desenhos fáceis de contorno e objetos de plástica com sombras. O Desenho Geométrico trabalhava com problemas gráficos, visando auxiliar a compreensão do estudo de projeções.

Estas eram as aulas que constituíam a parte geral do curso. Além destas, ainda havia os cursos especiais, aulas de Tecnologia e Desenho Industrial para cada uma das seções existentes nas oficinas. Assim, os alunos das seções de metais, madeiras, artes do edifício, artes gráficas e eletro-química, paralelamente aos trabalhos práticos da oficina, receberam noções teóricas nas salas de aula.

O fato de terem sido lecionadas aulas de Desenho Industrial é, sem dúvidas, pioneiro em todo país. O processo havia sido bem estudado para sua implantação e parecia ter sido levado a sério, pelo corpo docente e discente. Pouco depois do seu início, o *design* de todo o maquinário, móveis e instrumentos utilizados pelo Instituto era realizado nas suas próprias instalações.

#### **CORPO DOCENTE**

O Instituto Parobé, logo na sua fundação, foi orientado pelo Diretor da própria Escola de Engenharia, Sr. João José Pereira Parobé. Porém, existe uma contradição quanto à data de nomeação do primeiro engenheiro-chefe deste instituto. No relatório de 1906, há a informação de que "...o ilustre professor da Escola de Engenharia, Dr. Lüderitz, foi nomeado a 24 de janeiro de 1906 como diretor do Instituto Técnico-Profissional" (Relatório da Escola de Engenharia, 1906, p. 103).

Em 1913, o relatório da mesma escola apresentava outra informação, no discurso do próprio engenheiro Lüderitz:

"Em janeiro de 1908, me nomeaste engenheiro-chefe do Instituto, inaugurando-se em 24 de janeiro deste mesmo ano os novos pavilhões em que funcionaram as seções de mecânica e de metais..." (Relatório da Escola de Engenharia, 1913, p. 6).

Diante do acúmulo de funções<sup>18</sup> de Parobé, tudo indica que este tenha nomeado um engenheiro-chefe, inclusive com a intenção de dedicar especial atenção ao Instituto Técnico-Profissional. É possível que o engenheiro Parobé tenha atuado efetivamente como diretor da escola técnica até 1908, quando nomeou uma pessoa de sua inteira confiança<sup>19</sup>. Muitas destas contradições aparecem nos relatórios, principalmente no que diz respeito aos mestres e professores.

O engenheiro que ocupou a função de diretor por mais tempo no Instituto Parobé foi João Lüderitz<sup>20</sup>. Não se pode esquecer que, durante os períodos em que se ausentou para viagens ao exterior ou mesmo pelo Brasil, foi substituído por professores que também lecionavam no Parobé. Foram eles: os arquitetos Hans Emílio Goetze, Silvio Barbedo e Adolpho Stern. Em 1920, Lüderitz foi convocado pelo Ministério da Agricultura no Rio de Janeiro, para prestar serviços na reorganização do Ensino Técnico Profissional das Escolas de Aprendizizes e Artífices Nacionais. O cargo de diretor, então, foi assumido pelo professor Armino



Presser. Por volta de 1924, o ex-diretor da escola industrial de Caxias e professor técnico do Parobé, Edmundo Conrad, assumiu a direção do Instituto até 1930.

Quanto ao corpo docente propriamente dito, pode-se afirmar que foi grande a rotatividade desde a inauguração do Instituto. Embora os professores das aulas teóricas do Instituto Técnico Profissional fossem também professores da Escola de Engenharia ou dos demais institutos, muitos não chegaram a completar um ano de atividades. Também era comum a troca de professores entre as disciplinas, ou mesmo o acúmulo de tarefas em uma só pessoa. Estas características são válidas para os dois cursos: elementar e técnico. O motivo de tamanha instabilidade reside nos interesses políticos. À medida que os docentes adquiriam a credibilidade do governo, logo eram nomeados intendententes de municípios do interior ou assumiam cargos administrativos do governo.

Já os mestres e contra-mestres pareciam mais apegados ao seu ofício, mesmo porque não poderiam assumir cargos públicos. Pode-se citar nomes de profissionais que permaneceram presentes em quase todo o período analisado: os mestres alemães George Bärwinkel e Wilhelm Regius e o italiano Giuseppe Gaudenzi, por exemplo. Isto acontecia normalmente com os mestres trazidos de fora e que, atraídos pelos altos salários, estabeleciam-se de vez no país.

Repetidas vezes ocorreu o fato de alunos diplomados no Instituto especializarem-se em escolas no exterior e voltarem para lecionar nas oficinas onde haviam sido alunos. Este é o caso dos escultores Gilberto Rey, Luiz Domingues da Silva Marques e Oscar Azevedo Caminha; dos marceneiros João Francisco Rodrigues e Othelo Batista; dos mecânicos Júlio Moreira Avila e Waldomiro Fettermann. Isto demonstra que, em tempos tão precoces, já havia um grande incentivo para a pós-graduação no país, além da pós-graduação no exterior anteriormente descrita.

Percebe-se que a atuação dos docentes por um período acima de cinco anos é pequena, principalmente entre os contra-mestres. Além das dificuldades políticas e econômicas ocasionadas pela primeira Guerra Mundial, outros motivos devem ter levado os professores, mestres e contra-mestres a esta pequena estadia no Instituto. Quanto aos docentes brasileiros, já foi apontada a principal causa de sua ligeira permanência no Parobé: o governo positivista empenhou-se em colocar no poder municipal pessoas de sua inteira confiança, sendo muitas destas selecionadas a partir de sua conduta na escola técnica de Porto Alegre. Muitos professores, mestres e contra-mestres estrangeiros não se adaptaram ao clima do país, ou mesmo às novas condições de vida, e retornaram ao país de origem. Em contrapartida, os que aqui permaneciam, normalmente estabeleciam-se e tinham uma longa atuação. Dada a escassa mão-de-obra qualificada, a oferta de emprego pelas indústrias deve ter sido tentadora.

Fato interessante é o empenho da administração em compor o corpo docente do Parobé com ex-alunos do próprio Instituto. Isto é



FIG. 8 Instituto Técnico Profissional. Trabalhos da seção de modelagem pelos alunos do Curso técnico (1913).  
*Relatório da Escola de Engenharia.*

reflexo da autonomia que o Rio Grande do Sul almejava na época em relação ao país. A verdade é que tal propósito tinha consistência, tanto que foi utilizado em período posterior na Alemanha, quando Gropius colocou a Bauhaus em funcionamento.

### CORPO DISCENTE

Dado o baixo nível de educação então vigente, é possível que a população a ser atingida fosse prioritariamente desprovida de instrução. O ensino visava alcançar a educação e o aprimoramento dos meninos pobres e filhos de operários que almejavam uma colocação nas fábricas e indústrias locais ou a constituição de seu próprio negócio.

Assim, o interesse dos alunos que ingressavam no Parobé ocorria por intermédio dos pais dos meninos que haviam sido convencidos do valor existente em seus filhos ganharem algumas "dezenas de mil réis" na escola, trabalhando num ofício e ainda aprendendo, do que se "atrofiarem física e moralmente" empregados numa venda ou engraxataria. Sem dúvidas, o benefício do governo à classe dos trabalhadores havia sido aceito e usufruído.

Quanto à freqüência dos alunos, especialmente no inverno, deixava muito a desejar<sup>21</sup>. Era comum, também, alunos que iniciavam o ano letivo e não concluíam, bem como os que ingressavam no curso elementar e não chegavam ao técnico. A explicação de tal desistência encontra-se na carência de mão-de-obra do mercado da época. Com poucos conhecimentos e alguma especialização os meninos eram logo assimilados pelas fábricas e indústrias. Assim, somente em 1911, aparece nos relatórios a listagem de aprendizes e suas atividades durante o ano letivo. Mas, a primeira turma que se especializou no Instituto Parobé concluiu o curso em 1913, sendo constituída de dois alunos, Heitor Bivar e Felipe Lopes Cruz, ambos do Rio Grande do Sul<sup>22</sup>. Percebe-se pelo número de formandos, que a persistência no aprendizado era virtude de poucos, já que o acesso ao curso elementar dava-se em torno de vinte e cinco a trinta matrículas. Como o título de conclusão não tinha valor, é possível que muitos só não fizessem o trabalho de conclusão.

O Instituto Parobé formou quase cinqüenta profissionais de nível médio no período de vinte e cinco anos de atuação no Rio Grande do Sul. Pode-se dizer que os alunos que atingiram a especialização foram poucos mas de alta qualidade, tanto que logo ocuparam seu espaço no mercado de forma competente. Eram poucos os alunos formados, primeiro, por serem estes rapidamente absorvidos pelas fábricas, tamanha a carência no Estado; segundo, por não ser estimulante a conclusão do curso (semelhante ao que acontecia no curso superior), pois era vigente a lei do livre exercício profissional; e, por último, não existia a tradição de estudo nas famílias da classe operária.

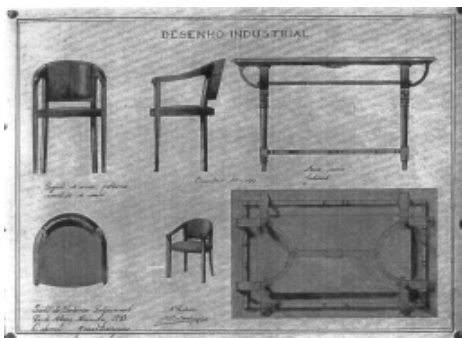
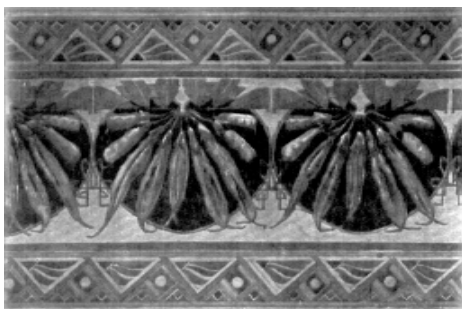


FIG. 9 Instituto Técnico Profissional. Desenho industrial de pintura decorativa e de mobília(1913).  
*Relatório da Escola de Engenharia.*



## NOTAS

1. Havia-se tomado muito freqüente, para não dizer constante, a intervenção dos imigrantes nos movimentos grevistas. Frente ao quadro em que os estrangeiros eram enaltecidos e a classe popular nacional era considerada de menor preparo, o governo chegou à conclusão que deveria tomar a iniciativa de controle destes movimentos.
2. A primeira referência foi feita no relatório de 1907, onde consta que a inauguração do curso profissional ocorreu em julho de 1906, enquanto no relatório de 1913, aparece o ano de 1907 marcando o início efetivo do Instituto Técnico Profissional.
3. Em outubro deste mesmo ano foi colocada a pedra fundamental do edifício pelo Presidente do Estado, Antonio Augusto Borges de Medeiros.
4. Aos alunos e empregados do Instituto Parobé eram prestados serviços médicos, chegando até a assistência domiciliar em casos excepcionais. A presença do médico na escola indica uma das idéias positivistas vigentes.
5. Curiosamente junto com as novas instalações foi construída uma oficina que se encarregou da manutenção dos primeiros automóveis em circulação, dentre os quais o do Presidente do Estado. Levando-se em conta que na cidade havia pouquíssimos automóveis, pode-se assegurar que o investimento era inovador para a época.
6. A banda de música fazia parte do Instituto. Deveria ser constituída de alunos do quarto ano elementar que tivessem desenvolvimento físico adequado. Tal aprendizagem alcançou uma grande aceitação entre os alunos. Prova disto consta nos estatutos: a preferência de matrícula na banda seria concedida aos alunos bem aplicados e de bom comportamento. A participação na banda funcionava como um prêmio. Eram realizados ensaios depois do expediente, para as aulas não serem prejudicadas. O mestre da seção encarregava-se de organizá-los, sendo também responsável pela conservação e ordem dos instrumentos e fardamentos dos alunos. Participavam da banda mais de trinta meninos que, com seus uniformes tecidos com pano de coloração clara, compostos por calças longas e casacos com botões vistosos, formavam um conjunto de impacto.
7. Consta, também, nos estatutos da escola municipal a presença dos exercícios de ginástica em todos os anos do curso, com a finalidade militar, e que dispensava os alunos do recrutamento.
8. Para isto o aluno deveria comprovar a idade entre dez e quinze anos (Instruções Provisórias, 1907, p.2).
9. A direção e fiscalização de todos os serviços do Instituto ficava a cargo do Engenheiro-Chefe. Este seria nomeado pelo Diretor da Escola de Engenharia e deveria propor a nomeação dos professores, mestres, contra-mestres e ajudantes nas diversas seções do Instituto Parobé. Em resumo, o Engenheiro-Chefe deveria prestar contas do andamento das aulas e serviços realizados internamente. Ao diretor da Escola seriam submetidos à aprovação os programas de ensino organizados pelos mestres, contra-mestres e professores. (Regulamento do Instituto Técnico Profissional, 1909, p.45).
10. Nos estatutos de 1909 estão especificadas as funções dos mestres e contra-mestres que dirigiam o ensino profissional nas oficinas. Os mestres ficariam encarregados da direção dos trabalhos realizados nas oficinas. Até o dia cinco de cada mês deveria ser entregue ao Engenheiro-Chefe um boletim dos serviços executados na sua seção, declarando a matéria-prima gasta, o número de horas de serviço manual e o número de horas de serviço de máquinas. Os contra-mestres estavam imediatamente submetidos aos mestres. Na falta do mestre, o respectivo contra-mestre assumiria a direção da oficina (Regulamento do Instituto Técnico Profissional, 1909, p. 10-11).
11. O ensino profissional havia sido regulamentado da seguinte forma: Terceiro Ano Elementar: serralheria (3 meses), marcenaria (3 meses), modelagem (4 meses); Primeiro Ano Técnico: forja (4 meses), carpintaria (3 meses), modelagem (3 meses); Segundo Ano Técnico: modelagem (2 meses), carpintaria (1 mês), marcenaria (2 meses), mecânica (2 meses), fundição (2 meses), eletricidade (1 mês); Terceiro Ano Técnico: fundição (2 meses), mecânica (2 meses), máquinas e motores (2 meses), carpintaria e marcenaria (1 mês), fototécnica (2 meses), eletricidade (1 mês), galvanoplastia (2 meses); Quarto Ano Técnico: mecânica (2 meses), máquinas e motores (2 meses), eletricidade (2 meses); Estágio (6 meses na profissão em que desejar especializar-se). (Regulamento do Instituto Técnico Profissional, 1909, p. 1-4).
12. O acréscimo do cargo de Engenheiro-Ajudante foi feito com a intenção de auxiliar seu superior. Era de sua incumbência substituir o Engenheiro-Chefe, quando necessário, algumas tarefas comerciais, a responsabilidade das folhas mensais de pagamento e, a confecção de plantas, orçamentos e projetos (Regulamento do Instituto Técnico Profissional, 1913, p. 40).
13. Constituíam departamentos complementares dentro do Parobé a biblioteca, gabinetes, laboratórios e museus. A biblioteca era de uso de professores, empregados e alunos, possuindo a guarda e conservação de livros, mapas, memórias, revistas, relatórios, etc. Os gabinetes, laboratórios e museus foram utilizados para trabalhos práticos e experimentais (Regulamento do Instituto Técnico Profissional, 1913, p.42-43).
14. A aprendizagem nos estabelecimentos da Europa e Estados Unidos tinha uma duração, em média, de dois anos.
15. A distribuição destas disciplinas configurava-se da seguinte forma: 1º Ano - Leitura, Caligrafia, Contas (as quatro operações), Desenho e Corte de silhuetas, Ginástica e Higiene, Música, Trabalhos Manuais e Jardinagem. 2º Ano - Leitura, Caligrafia, Estudo da Natureza, Aritmética (sistema métrico), Geografia (preliminares e noções de geografia do Estado), Ginástica e Higiene, Desenho a mão livre, Música, Trabalhos Manuais e Jardinagem. 3º Ano - Português (leitura, ditado e exercícios orais de gramática), Geografia do Estado, História do Brasil, Estudo da Natureza, Aritmética, Geometria Prática, Ciência Elementar, Desenho, Ginástica e Higiene, Música, Trabalhos Manuais e Jardinagem. 4º Ano - Português (leitura, ditado, gramática e análise), Geografia Geral (especialmente a do Brasil), Aritmética, História do Brasil, Geometria Prática, Ciência Elementar, Desenho, Ginástica e Higiene, Trabalhos nas oficinas e Banda de Música. No turno da manhã eram ministradas as disciplinas de cunho teórico, como a leitura, caligrafia, contas (ou aritmética), geografia, história, ciências, e, durante o turno da tarde, os alunos dedicavam-se às aulas de música, ginástica e higiene, trabalhos manuais, jardinagem, etc.
16. Nas aulas foram proferidas palestras simples sobre asseio, vestuário e nutrição, efeitos do álcool e narcóticos, limpeza dos dentes, unhas, cabelos, etc. Foram dadas, também, noções da estrutura geral do corpo humano, primeiro a tratamento dos talhos (primeiros socorros), contusões, fraturas, queimaduras e desmaios. No último ano elementar, as aulas de higiene giravam em torno do estudo do corpo humano, músculos, ossos, digestão, respiração, sistema nervoso, etc.
17. O programa de ensino do curso Técnico seguia a ordem abaixo: 1º Ano: Português, Geometria Prática, Aritmética, Física, Desenho Industrial e Geométrico, Tecnologia. 2º Ano: Português, Francês, Inglês, Alemão, Italiano, Álgebra, Física, Geometria, Química, Desenho Industrial e Tecnologia. 3º Ano: Português, Trigonometria, Química, Francês, Inglês, Italiano, Alemão, Desenho Industrial e Tecnologia. 4º Ano: Francês, Inglês, Italiano, Alemão, Desenho Industrial, Tecnologia, Química e Mecânica (para a seção metais, eletricidade e máquinas), Escultura (para a seção de artes do edifício e madeiras), Modelagem (para a seção de artes gráficas e do edifício, madeiras e eletro-química), Perspectiva (para a seção de madeiras, artes gráficas e do edifício e eletro-química), e Resistência (para a seção de metais).
18. As funções de João José Pereira Parobé foram: Secretário de Obras, Diretor da Escola de Engenharia e Engenheiro-Chefe do Instituto Parobé.
19. Tudo indica que a nomeação de um "Engenheiro-Chefe" tenha sido um subterfúgio para que o Engenheiro Parobé continuasse nominalmente na direção do Instituto e a direção efetiva tenha sido exercida por Lüderitz.
20. Este administrou o liceu de 1908 (ou 1906) até 1920.
21. As longas caminhadas que eram obrigadas a repetir quatro vezes ao dia tornaram-se a principal causa da diminuição da assiduidade às aulas. Em consequência, a partir de 1910, foi cogitada a possibilidade da escola oferecer aos meninos a refeição do almoço, de forma a conservá-los o dia inteiro no Instituto, limitando as caminhadas a duas vezes ao dia.
22. A procedência dos alunos era, na sua maioria, do Rio Grande do Sul, principalmente de Porto Alegre, mas havia a participação de municípios como Alegrete, Jaguarão, São Jerônimo, Rio Pardo, Bagé, Santana do Livramento, Santa Cruz, Lavras, Santa Maria, entre outros. Diversos estados também estiveram representados no Instituto Parobé. Alguns deles: Sergipe, São Paulo e Rio de Janeiro. Da mesma forma, alunos estrangeiros ingressaram nesta escola técnica. Confluiam do próprio continente, como o caso da Argentina e Uruguai; ou mesmo da Europa, como por exemplo da Itália e Hungria; e, ainda da América Central, no caso do Haiti.

## Raquel Rodrigues Lima

Arquiteta, graduada pela FAU/UFGRS em 1989; mestre em Arquitetura pelo PROPAR/UFGRS, com ênfase em Teoria, História e Crítica da Arquitetura em 1996; Professora Adjunta e Pesquisadora da FAU/Ritter dos Reis desde 1995; Professora Assistente da FAU/UNISINOS desde 1997; Professora da FAU/PUCRS desde 1998.